

O artigo apresenta resultados da pesquisa de opinião com moradores (as) do Riacho Fundo II sobre qualidade de vida, a partir de temas como lazer, infra-estrutura, educação, segurança e saúde. A perspectiva metodológica é qualitativa e foi priorizada a exposição dos dados tabulados das entrevistas a partir do enfoque na questão de gênero, renda, escolaridade e faixa etária (relações sociais de gerações). Os primeiros resultados fazem emergir elementos para as intervenções pedagógicas realizadas nas diversas ações do projeto “Alfabetização e Comunidade Educativa”.

O QUE REPRESENTA QUALIDADE DE VIDA

Para uma Comunidade Popular: com a Fala os (as) Moradores (as) do Riacho Fundo II¹

André Luís Carvalho

Carlos Ângelo de Meneses Sousa

Deliene Leite Kotz

Elizabeth Aiko Oda

Notas introdutórias sobre os objetivos e metodologia da pesquisa de sondagem de opinião

Essa pesquisa de sondagem de opinião faz parte de um projeto maior da Universidade Católica de Brasília - Pró-Reitoria de Extensão - Programa Comunidade Educativa, intitulado “Alfabetização e Comunidade Educativa”, o qual é realizado desde meados de 2000 no Riacho Fundo II, sub-administração da cidade satélite (região administrativa) Riacho Fundo I, do Distrito Federal.

O trabalho teve como objetivo sondar a opinião de diferentes grupos da comunidade do Riacho Fundo II sobre o que entendem por qualidade de vida a partir de diversos temas (lazer, infra-estrutura, educação, segurança pública, etc.), a fim de propiciar elementos para as intervenções pedagógicas realizadas nas diversas ações do projeto “Alfabetização e Comunidade Educativa”. A partir desse objetivo geral, pretendemos:

- identificar as visões dos diferentes grupos sobre qualidade de vida;
- perceber as representações sociais da comunidade do Riacho Fundo II sobre “qualidade de vida”;
- Construir um quadro comparativo das preferências dos diferentes grupos da comunidade do Riacho Fundo II;
- Oportunizar um melhor conhecimento da equipe da Universidade Católica de Brasília sobre a população do Riacho Fundo II;
- Identificar interesses para oficinas do aprender;

¹ Os membros da equipe “Comunidade Educativa”, do Programa Comunidade Educativa da UCB são: André Luís Carvalho, Carlos Ângelo de Meneses Sousa, Deliene Lopes Leite Kotz, Elizabeth Aiko Oda, Gilson da Silva Gomes e Romeu Reichert. Para a realização desta pesquisa, a equipe contou com a colaboração de alunos (as) estagiários (as) e voluntários (as): Alisson Roberto Ribeiro Silva, Melissa Medeiros Lima, Rosana Carvalho Melo, Patrícia Veloso Rodrigues, Leonardo Vinhal, Analuíza Vinhal, Raquel O’Neill. A coordenação geral do programa é realizada pelo professor José Leão da Cunha Filho.

- Produzir material (textos e outros) para discussão e estudo com a comunidade do Riacho Fundo II.

Destacamos que, frente a esses objetivos, este artigo não tem a intenção de discorrer sobre a totalidade dos mesmos, em primeiro lugar porque ainda nos encontramos em processo de atingi-los e, em segundo, porque, no momento, é nossa intenção centrarmos apenas no objetivo de percebermos as representações sociais da comunidade do Riacho Fundo II sobre “qualidade de vida”, tendo em vista as condições e o tempo para a elaboração do mesmo.

O projeto “Alfabetização e Comunidade Educativa”, mais que uma proposta de alfabetização, é um projeto de educação comunitária em que a experiência de aprender é experimentada como um desejo de embelezamento das pessoas, da sociedade e do meio-ambiente.

Trata-se de um projeto no qual a comunidade é educada para afirmar-se como um lugar onde todos são chamados a produzirem seu saber, a partir de suas atividades concretas e a socializarem o saber produzido, assumindo-o como ferramenta na luta pela melhoria da qualidade de vida para todos.

Tendo em vista o princípio de que o projeto de “melhoria da qualidade de vida” deve ser uma construção conjunta entre a Universidade e a Comunidade do Riacho Fundo II, certamente seria imprescindível conhecermos o que pensa, quais as representações sociais (JODELET, 1984 e 1989)² dos(as) moradores(as) dessa comunidade popular sobre “qualidade de vida”.

Apresentar prioritariamente, nesse momento de andamento do projeto “Alfabetização e Comunidade Educativa”, o que pensam, quais as representações de

“qualidade de vida” para os(as) moradores(as) do Riacho Fundo II é também uma opção política e metodológica, pois uma aprendizagem essencial que deve se consubstanciar no referido projeto é a fala, a palavra dita dos sujeitos populares constituintes dessa comunidade. A palavra é o próprio exercício do poder quando as camadas populares quebram as barreiras sociais que determinam a fala do senhor e o silêncio do súdito, pois:

O direito de falar e ser ouvido é ofício do senhor. Os súditos calam ou repetem a palavra que ouvem, fazendo seu o mundo do outro. Porque a diferença entre um e outro está em que o primeiro detém a posse do direito de pronunciar o sentido do mundo e, por isso, o direito de ditar a ordem do mundo social. (BRANDÃO, 1986: 7)

A construção de uma “Comunidade Educativa” passa então, necessariamente, pela ausculta, reconhecimento e valorização do saber popular. Esse procedimento tem implicações no *modus operandi* da relação construída entre a universidade, por meio de seus professores/pesquisadores(as), e a comunidade, por meio de seus agentes populares. Objetiva-se assim ao descredenciamento que em geral se dá ao saber popular como “um saber não refletido”. A não ruptura com esse modo dominante de pensar e agir tem como consequência imediata a divisão dos homens e mulheres entre “iluminados” e “destituídos de saber”, entre “os que sabem e os que executam”, entre dominantes e dominados. Assim, “nessas condições pode-se compreender o prestígio da ciência e porque serve como critério da diferença entre a cultura dominante e dominada: a primeira se oferece como saber de si e do real; a segunda, como não saber” (Chaui, 1993: 51).

Dentro de uma perspectiva metodológica qualitativa, optamos em um primeiro momento por realizar entrevistas com base em questões fechadas e algumas

² Segundo JODELET(1984, p. 361-362) “O conceito de Representação Social designa uma forma específica de conhecimento, o saber do senso comum, cujos conteúdos manifestam a operação de processos generativos e funcionais socialmente marcados. Mais amplamente, designa uma forma de pensamento social. As Representações Sociais são modalidades de pensamento prático orientadas para a comunicação, a compreensão e o domínio do ambiente social, material e ideal [grifo nosso]. Enquanto tais, elas apresentam características específicas no plano da organização dos conteúdos, das operações mentais e da lógica.” Em síntese, ainda conforme JODELET (1989, p. 36) as Representações Sociais são “uma forma de conhecimento, socialmente elaborada e partilhada, tendo uma visão prática e concorrendo para a construção de uma realidade comum a um conjunto social” (Tradução de Celso Pereira de Sá).

abertas³. As entrevistas foram realizadas desde o final do mês de agosto de 2001 até a primeira quinzena de outubro de 2001. Além dos alfabetizandos (as) que fazem parte das turmas de alfabetização do projeto “Alfabetização e Comunidade Educativa”, foram entrevistados adolescentes, jovens, adultos e pessoas da 3ª idade residentes no Riacho Fundo II, num total de 102 pessoas. As mesmas foram abordadas tanto em visitas domiciliares, nas turmas de alfabetização, quanto nas ruas, bares, paradas de ônibus, entre outros, seguindo critérios pré-estabelecidos.

Pretendemos realizar uma análise predominantemente qualitativa, destacando a questão de gênero, renda, escolaridade, faixa etária, localização geográfica, ocupação laboral, além de outros aspectos que pudessem surgir a partir dos dados das entrevistas.

Com base na tabulação dos dados e em uma primeira análise dos mesmos, feita pela equipe de professores (as) pesquisadores (as) do projeto, também adotamos um procedimento metodológico em que alguns membros do Riacho Fundo II fizessem suas interpretações e análises dessa tabulação das respostas dadas a cada pergunta da entrevista. Todavia, tendo em vista a limitação espacial desse artigo, não caberá no mesmo uma apresentação da sistematização do retorno dos resultados desse procedimento junto aos alfabetizandos.

Neste artigo, priorizaremos inicialmente uma exposição dos dados tabulados das entrevistas e uma análise inicial a partir do enfoque na questão de gênero, renda, escolaridade e faixa etária (relações sociais de gerações).

Este não é um trabalho conclusivo, mas faz parte de uma das etapas do projeto. Tem caráter predominantemente descritivo, para dar margem a futuras análises e subsídios para o desenvolvimento de outras atividades.

Apresentação dos dados

Representação sobre qualidade de vida

Esta primeira parte é retirada de uma questão aberta, na qual as pessoas entrevistadas apresentavam espontaneamente o que representava qualidade de vida para elas, no Riacho Fundo II. Apresentaremos aqui apenas as representações de qualidade de vida que foram mais mencionadas, isto é, aquelas que obtiveram percentuais acima de 6% em relação ao total de entrevistados. Dessa forma, não trataremos aqui das outras associações feitas como ônibus, luz, entrega de lotes, amizade, casa de alvenaria, etc. Foram entrevistadas 102 pessoas. Perguntados sobre o que existe no Riacho Fundo II que representa uma melhoria da qualidade de vida, os entrevistados deram as seguintes respostas agrupadas na ordem abaixo:

Asfalto (26,4%) - Os motivos atribuídos à escolha da construção do asfalto como exemplo da representação da qualidade de vida foram apresentados, em síntese, da seguinte forma: “A poeira incomoda bastante e causa muitos problemas de saúde, especialmente para as crianças e não deixa nada limpo em casa. O asfalto ajudou a melhorar o ar, fica sem poeira”. Por outro lado, algumas pessoas também mencionaram que “o asfalto do Roriz não valeu de nada”, pois iniciou e não terminou, beneficiando apenas uma pequena parte do Riacho Fundo II.

Em relação a um olhar de gênero e renda sobre



*Crianças brincando em uma rua do Riacho Fundo II*⁴

³ Entrevista semi-estruturada segundo a distinção tipológica de THIOLLENT (1980, p.35). Sobre pesquisas qualitativas, ver HAGUETTE (1997).

⁴ As fotografias deste artigo são de André Luís Carvalho, professor da UCB.

essa representação, não houve diferença considerável entre a opinião das mulheres e dos homens. Numa perspectiva de análise que considere a faixa etária (relações sociais de gerações) e a escolaridade, podemos destacar que as pessoas que estão na faixa etária de 15 a 30 anos (13) foram as que mais mencionaram o asfalto; em relação à escolaridade, os analfabetos e os que possuem o ensino fundamental (completo ou incompleto - 11) foram os que mais fizeram essa associação.

Escola (14,7%) - Os motivos atribuídos à escolha da escola no Riacho Fundo II como exemplo da representação da qualidade de vida foram apresentados, em síntese, da seguinte forma: “Facilitou o estudo, especialmente das crianças, e se tem mais oportunidade de estudo no local”.

Em relação a um olhar de gênero sobre essa associação, houve uma considerável diferença entre as mulheres (12) e os homens (3), o que pode nos levar a levantar hipóteses sobre a relação direta e constante das mães com as crianças, notadamente em sua vida escolar e tudo que daí acarreta: transporte, acompanhamento das tarefas escolares etc. Demonstrado nos depoimentos de que “fica mais perto, facilita a vida das mães” e “não é preciso pegar ônibus para ir à escola”, verifica-se que, em grande parte, as mulheres vêm na escola uma perspectiva de continuar seus estudos futuramente.

Em relação à renda, aquelas pessoas que recebem até 2 salários mínimos (10), acompanhadas dos que recebem até 4 salários mínimos (5), juntamente com os analfabetos e pessoas até o ensino fundamental (11) é que apontaram a escola. Isso pode revelar o desvelo e reconhecimento das camadas populares, com baixa escolaridade, da importância do acesso à escola como meio fundamental da possibilidade de melhoria da qualidade de vida, especialmente dos seus filhos.

Ilustramos essas opiniões com o depoimento de

Davi Félix da Silva ⁵, ao ser perguntado se gosta de morar no Riacho Fundo II:

Eu gosto. Antes eu morava de aluguel, e casa própria não tem como não gostar. O pessoal gosta de morar aqui por essa razão, muitas das vezes morava de aluguel e também porque aqui não é tão perigoso, não é tão movimentado... Devido ser uma população humilde, não é que ela não queira, mas o que eu posso fazer para mudar! As pessoas querem, querem ver o lugar que elas moram melhor e uma condição de vida melhor, mas elas se sentem incompetentes... Uma pessoa que não sabe ler, ela precisa pegar o ônibus e não consegue pegar o ônibus, não consegue diferenciar um texto do jornal, ela não consegue se colocar no mundo... O benefício da educação é ela saber se movimentar, girar, saber trabalhar por si próprio e ela ter uma consciência, ela ser ela mesma, se firmar como pessoa.

“Nada” - Nenhuma associação (13,7%) - Essa resposta apresenta uma crítica à assistência pública ao Riacho Fundo II, sentida e expressa especialmente pelas pessoas que recebem menor renda, até 2 salários mínimos (8), menor escolarização, analfabetos e ensino fundamental (7). As razões apresentadas para tanto, em síntese, foram as seguintes: “É uma área abandonada, falta muita coisa e não se tem visto muita coisa sendo feita”. Um exemplo é que “o asfalto do Roriz não valeu de nada”, pois iniciou e não terminou, já mencionado anteriormente, que “o posto médico não tem médico. Não tem hospital no Riacho Fundo II”.



Moradoras do Riacho Fundo II no Posto de Saúde local

⁵ RIACHO FUNDO II. Taguatinga, DF: CRTV/UCB, 2001. 1 filme (6 min.): son., color.

Compreendendo a crítica à ausência de assistência pública aos bens básicos de infra-estrutura, saúde, entre outros, como uma forma de expressar o que compreendem como qualidade de vida, poderíamos pensar que a associação feita, pela negativa, é de que qualidade de vida está associada à existência de políticas públicas básicas de saúde, saneamento, por exemplo.

“Lugar tranquilo” (10,7%) - Os motivos atribuídos à tranquilidade do Riacho Fundo II como um elemento de representação da qualidade de vida foram apresentados, em síntese, da seguinte forma: “Aqui as pessoas conversam, todos se conhecem e é um lugar pequeno”, “aqui se faz amizade”, “é um lugar calmo e tem muitas árvores”, “ainda há segurança, não tem violência”, “ainda se pode sair de noite na rua” e “ainda tem paz”.

Em relação a um olhar de gênero sobre essa representação, há diferença considerável de quase 50% entre a opinião dos homens em relação às mulheres. E as pessoas com menor escolaridade (analfabetos e ensino fundamental) foram as que mais mencionaram esse aspecto. Em uma perspectiva de análise que considere a faixa etária (relações sociais de gerações), podemos destacar que as pessoas que estão na faixa etária de 15 a 21 anos não mencionaram esse aspecto, sendo o mesmo quase restrito à faixa etária entre 31 a 59 anos.

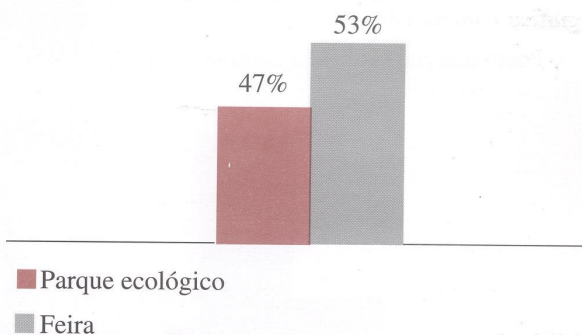
Alfabetização de pessoas jovens e adultas (7,8%) - Os motivos atribuídos à escolha da escola no Riacho Fundo II como exemplo da representação da qualidade de vida foram apresentados, em síntese, da seguinte forma: “a gente não sabia nem escrever o nome” e “facilitou a possibilidade de voltar a estudar”.

Em relação a um olhar de gênero sobre essa representação, há diferença considerável de quase 70% entre a opinião das mulheres em relação aos homens. As pessoas analfabetas foram as que mais mencionaram esse aspecto. Em uma perspectiva de análise que considere a faixa etária (relações sociais

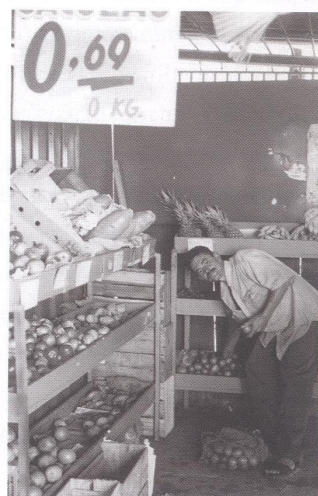
de gerações), podemos destacar que as pessoas que estão na faixa etária entre 31 a 49 anos foram as que mencionaram a alfabetização de pessoas jovens e adultas como elemento representativo da qualidade de vida.

Outras associações realizadas frente à necessidade de optar entre dois aspectos⁶:

Feira (53%) ou parque ecológico (47%)



A opção pela feira deve-se, em síntese, aos seguintes motivos: alia trabalho e lazer, pois tanto serve como possibilidade de trabalho e melhoria da renda, como também ao lazer, pois é um lugar aonde todo mundo vai.

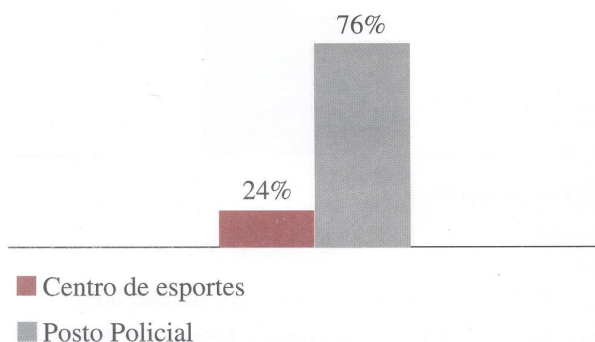


Sacolão de verduras e frutas no Riacho Fundo II

⁶ Esta parte apresentará os dados de algumas questões fechadas. Nelas, apresentamos às pessoas entrevistadas duas possibilidades de opção, diante das quais os entrevistados, deveriam escolher apenas uma.

Além desses motivos, mencionaram que com a feira no Riacho Fundo II não haveria necessidade de saírem da cidade para fazer compras em que se pudesse ter opção variada, tanto de produtos quanto de preços. Há predominância das mulheres na preferência pela feira, talvez porque, muitas vezes, elas é que fazem as compras. Atualmente (2001), não existe uma feira, um bom supermercado ou sacolão. Isso faz com que tenham que se deslocar para fora do Riacho Fundo II, carregar muito peso, utilizando-se o ônibus ou lotação como meio de transporte, o que também significa aumento de gastos.

Posto policial (76%) ou centro de esporte (24%)



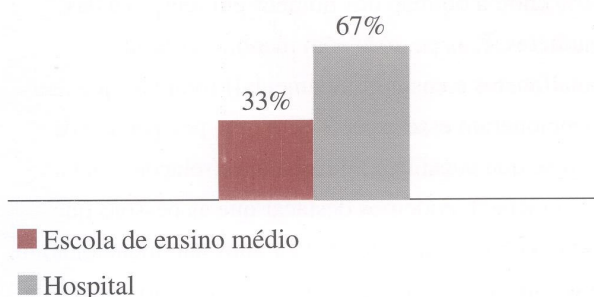
A referência ao posto policial deve-se, em síntese, aos seguintes motivos: preocupação preventiva para que o Riacho Fundo II não se transforme em um lugar violento, como as outras cidades, visto através de depoimentos como: “dá estabilidade, mais segurança”, “quanto mais segurança, melhor”, “para dar mais segurança, ficar mais tranquilo”. Outras pessoas entrevistadas já consideraram o Riacho Fundo II um lugar inseguro onde ocorre violência e furtos, sobretudo vítimas de casos ocorridos na própria localidade. Devido a isso optaram pelo posto policial: “existe aqui muita violência, eu já fui roubada”, “aqui é perigoso, especialmente à noite”, “estão acontecendo atualmente roubos e assaltos”, “a bandidagem é grande”.

Quando elaboramos essa questão, sabíamos da existência de um posto policial no Riacho Fundo II. O fato de conservar a questão com o posto policial quis, entre outros aspectos, sondar até que ponto as pessoas moradoras do Riacho Fundo II consultadas estavam

satisfeitas com a segurança e o serviço do posto policial. As pessoas revelaram que “a segurança está em primeiro lugar”, independente da existência de um posto policial. Nesse sentido, as respostas revelaram também críticas ao serviço e ao modo de atuação da polícia: “o posto policial que aqui tem não adianta nada”, “há uma demora para atender às ocorrências” e que não cobre todo o Riacho Fundo II, pois “o posto que aqui tem é longe”. Mencionam ainda que “é necessário um posto policial com policiais educados”.

Com relação ao centro de esportes, opção em menor número, os que o apontaram assim justificaram como uma oportunidade de ocupação e lazer para as crianças, adolescentes e jovens, uma forma de se incentivar o esporte e a diversão sem ter que sair da cidade, além de ser um local onde “as crianças não ficam soltas por aí” e “se tira adolescentes da rua, valoriza a vida”.

Hospital (67%) ou escola de ensino médio (33%)



Opção pelo hospital devido, em síntese, aos seguintes motivos: a importância capital da saúde como pré-condição para qualquer outra coisa na vida, assim expresso: “saúde é tudo” e “a saúde está em primeiro lugar”. A questão da dificuldade de locomoção em caso de necessidade, pois se “alguém adoecer tem que ir para longe”, “é importante ter um hospital próximo nos casos de vida ou morte”.

Observamos através das respostas que, embora exista um posto de saúde no Riacho Fundo II, o mesmo possui um atendimento insuficiente, demorado e, às vezes, ineficiente, assim expresso: “no posto não tem médico e o atendimento é ruim”, “o posto daqui só faz a gente perder tempo”, “o posto de saúde está muito fraco no atendimento”, “o posto é só de enfeite,

as consultas são demoradas”, “o centro de saúde não consegue atender a todos”. Por fim, as respostas revelam a necessidade de se ter um hospital local, tendo em vista que os hospitais circunvizinhos, como o de Taguatinga, estão sempre lotados.

A respeito da opção pela escola de ensino médio, foram apresentadas as seguintes justificativas: a necessidade, especialmente dos adolescentes e jovens, de continuarem seus estudos, pois “aqui só tem escola até a 8ª série e supletivo”, “os jovens não concluem seus estudos”, “é melhor para os jovens e fica mais próximo”, bem como, a distância das escolas de ensino médio obriga esses (as) estudantes a terem que se deslocar para outras cidades, fato desnecessário caso no Riacho Fundo II houvesse uma escola nesse nível, pois “evita que as crianças se desloquem para longe todo dia” e também se evitaria uma preocupação a mais: “não se preocuparia de enviar os meninos para longe”.

Outros aspectos mencionados foram que as escolas mais próximas facilitam conhecer os professores e “se garante o futuro”.

Encaminhando considerações finais

Podemos verificar, baseados nesses dados, que a representação sobre qualidade de vida para os(as) moradores(as) do Riacho Fundo II está associada à melhoria das condições de infra-estrutura do local, como a implantação de asfalto, escola, saúde, bem como das condições ambientais de tranquilidade e segurança.

Por ser uma área nova, com pouca infra-estrutura, a tendência dos moradores, quando questionados sobre o que existe de qualidade de vida no Riacho Fundo II, era de se falar sobre o que não existe, isto é, do que falta. Houve muita reclamação, principalmente por falta de asfalto, um bom posto de saúde ou hospital, mais escolas, principalmente de segundo grau, para que as crianças não tenham que se deslocar para fora do Riacho Fundo II.

Há em geral uma preocupação com o futuro, principalmente dos filhos. As falas levam a essa dimensão quando se referem à escola, parque ecológico, quadra de esportes. Todavia, outras necessidades mais imediatas, como asfalto, feira, policiamento, hospital são mais gritantes e, em geral, não podemos dizer que pessoas mais pobres ou com melhores condições financeiras no Riacho Fundo II tenham opiniões muito diferentes. O mesmo também pode ser visto em relação à escolaridade. Verificou-se também que algumas crianças acabam tendo opiniões semelhantes às dos pais.

Destacaremos aqui a questão da representação social de qualidade de vida para os(as) moradores(as) do Riacho Fundo II com a escola, para focarmos a importância que a mesma tem num contexto de formação da “Comunidade Educativa”. Ao associar qualidade de vida à escola, os(as) moradores(as) do Riacho Fundo II, nas suas falas em geral, reportam-se ao “acesso a educação”. O depoimento do jovem Davi, já citado, não é centrado apenas na escola, mas discorre sobre a importância da educação para uma população humilde, dizendo que “o benefício da educação é ela saber se movimentar, girar, saber trabalhar por si próprio e ela ter uma consciência, ser ela mesma, se firmar como pessoa”. Ao analisarmos esses dados, podemos observar que se confirma a idéia de que, desde o passado, sempre houve interesse dos pais pelo estudo dos filhos, inclusive em áreas rurais. E no caso do Riacho Fundo II, com uma população com grande índice de nordestinos e mineiros de zonas rurais, esse dado mostra que, quanto mais o horizonte de uma vida camponesa estável tende a aparecer ameaçado, tanto mais há um interesse dos filhos pela educação, e dos pais para que haja escola (Demartini, 1981: 7-32).

Confrontando os dados que apresentam uma predileção dos moradores(as) do Riacho Fundo II para um hospital (67%) em vez de uma escola de ensino médio (33%), poderíamos precipitadamente, dizer que haveria uma contradição com as afirmações anteriormente feitas. Entretanto como nos lembra Florestan Fernandes:

Paciente/doença, tratamento médico/renovação da rede hospitalar **são partes de uma totalidade que não pode ser fragmentada** [grifo nosso]. A população doente, nos bairros pobres da grande cidade ou em seus poros de exclusão social, em todo o interior, especialmente nas regiões economicamente subdesenvolvidas e nos estratos migrantes que buscam cura ou morte em condições terminais, apresenta “a questão social” em seus aspectos mais crus. A intervenção se torna global, delicada e cara. E perde o caráter simbólico que ela carrega nas **elites, que falam no “social” como uma fantasia** [grifo nosso]. Os quadros humanos que trabalham na esfera de tratamento exigem atenção tão delicada e premente quanto às vítimas das doenças. **Os hospitais são tão valiosos quanto as escolas** [grifo nosso] e requerem reparações, reformas e ampliações gigantescas (Fernandes, 1998: 218-219).

Há uma série de análises que serão feitas posteriormente, cujas razões já foram mencionadas no início desse artigo, que nos possibilitarão extrair elementos para intervenções pedagógicas nas diversas ações do projeto “Alfabetização e Comunidade Educativa”. Indubitavelmente, num trabalho como este, em que se faz presente a relação entre uma universidade e uma comunidade popular, as questões teóricas, e por isso profundamente práticas, como a relação saber-poder, existência e reconhecimento social de diferentes saberes, diretivismo e populismo pedagógico e outros se constituem desafios para os sujeitos e as instituições (ONG’s, Universidades, etc.) ou grupos informais que buscam desenvolver trabalhos de educação popular.

Com base nesses dados e em suas futuras análises, bem como no acompanhamento direto por meio de visitas e reuniões com os(as) moradores(as) do Riacho Fundo II, daremos continuidade ao trabalho de construção de uma Comunidade Educativa que visa ser “um agir coordenado de indivíduos e grupos para a apropriação e/ou elaboração de conhecimentos necessários à

formulação e desenvolvimento de **projeto próprio de melhoria da qualidade de vida**, no presente e para o futuro, de si mesma e de seu entorno”.⁷

O Projeto “Alfabetização e Comunidade Educativa” é um espaço aberto, tanto para a comunidade do Riacho Fundo II quanto para a comunidade acadêmica da Universidade Católica de Brasília, para **aportarem seus saberes e fazeres numa perspectiva complementar**. Isso é fundamental e, considerando-se que a realidade é complexa, só uma abordagem que apreenda essa complexidade nas diferentes e diversas áreas da universidade poderá responder satisfatoriamente aos desafios da realidade.

Esse é um saber que se sustenta, pois não é construído para a dependência dos “senhores do saber”. A universidade assim, em seus profissionais, assume uma perspectiva subsidiária e temporal, não quer gerar dependência e se perpetuar na comunidade para justificar seus projetos. O sucesso de sua ação está na autonomia da geração de conhecimento transformador da própria comunidade, prescindindo naquilo que foi meta específica do projeto, de uma contínua e futura presença da universidade (Sousa, 2002: 40).

Por fim, o Projeto “Alfabetização e Comunidade Educativa” tem, como perspectiva, gerar um conhecimento comprometido com o desenvolvimento integrado e sustentável da comunidade, que se traduz como qualidade de vida, pois entendemos que:

A melhoria da qualidade de vida de todos começa com a melhoria da qualidade de vida dos pobres. Logo, o desenvolvimento sustentável tem como condição fundamental a participação dos pobres na definição do que significa melhoria da qualidade de vida para eles. Dessa forma, quanto maior for o nível educacional e de politização dos pobres, menores serão as possibilidades de se deixarem iludir e manipular.⁸

⁷ Texto mimeografado (s. d.) de José Leão da Cunha Filho, professor na UCB.

⁸ Texto: Desenvolvimento Sustentável: qual tem sido o nosso entendimento e desdobramentos para a Comunidade Educativa - Equipe do Programa de Alfabetização de Adultos - PAA - Universidade Católica de Brasília, Brasília, 18.05.2001. (mimeo)

Bibliografia

- BRANDÃO, Carlos R. Educação Popular. 3. ed. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1986.
- CHAUÍ, Marilena de S. Cultura e Democracia: o discurso competente e outras falas. 6. ed. São Paulo: Cortez, 1993.
- DEMARTINI, Zélia de B. F. Uma visão histórico-sociológica da educação da população rural em São Paulo. CERU (Cadernos do CERU, 15), São Paulo, 1981.
- FERNANDES, Florestan. A força do argumento. Org. João Roberto Martins Filho. São Carlos: EDUFScar, 1998.
- HAGUETTE, Teresa Maria F. Metodologias qualitativas na Sociologia. 5.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.
- JODELET, Denise. Représentations Sociales: phénomènes, concept et théorie. In: MOSCOVICI, S.(ed.). Psychologie sociale. Paris, Presses Universitaires de France, 1984.
- JODELET, Denise. Représentations Sociales: un domaine en expansion. In: MOSCOVICI, S.(ed.). Les Représentations Sociales. Paris, Presses Universitaires de France, 1989.
- SOUSA, Carlos Ângelo de M. Como se produz conhecimento científico numa relação entre uma Universidade e uma Comunidade Popular: o Projeto Alfabetização e Comunidade Educativa. In: Revista Universa (Universidade Católica de Brasília), Brasília, V. 10, n° 1- parte II, Março de 2002
- THIOLLENT, M. Crítica metodológica, investigação social e enquete operária. São Paulo: Pólis, 1980.